

A fonte

do problema hídrico no DF



Nesta mesma época, no ano passado, a água estava vários metros acima, chegando à área de capim. Agora, só tem terra"

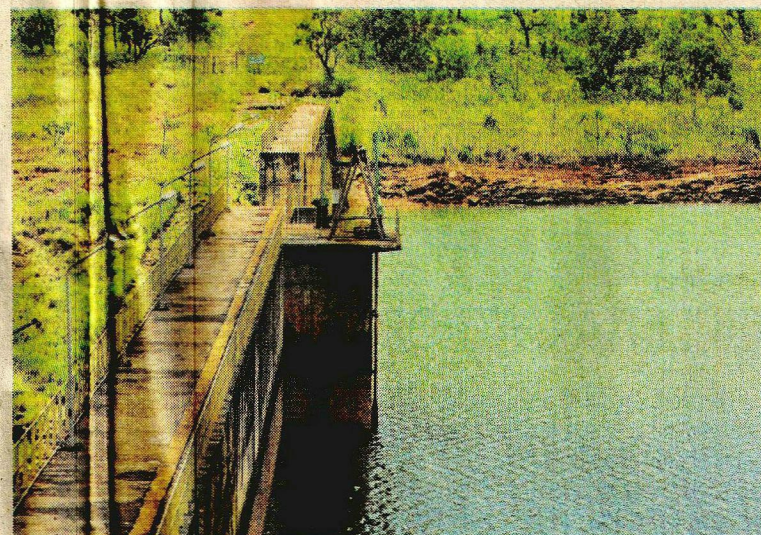
José Dantas dos Santos
agricultor

Em termos de disponibilidade e demanda, o DF tem água. Mas, de três anos para cá, a chuva vem diminuindo. Enquanto isso, o consumo aumenta"

Diógenes Mortari,
diretor da Adasa.

O DF foi projetado para 500 mil habitantes e hoje tem 2,5 milhões. Precisamos de um uso racional da água"

Maurício Ludovice,
presidente da Caesb



No sistema do Descoberto, a defasagem de água chega a 2 metros

Com baixa oferta de água e alto consumo per capita, Brasília está no limite de viver uma crise de abastecimento. Série de reportagens que começa hoje faz uma radiografia da situação

» FLÁVIA MAIA
» PALOMA SUERTEGARAY

A combinação de pouca oferta de água com uma das mais altas médias de consumo por habitante do Brasil coloca a região do Distrito Federal em situação de alerta em relação aos recursos hídricos. Um morador do Distrito Federal consome, em média, 190 litros de água diariamente — 72,7% a mais do que o recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Esse alto consumo preocupa porque a disponibilidade hídrica local é considerada uma das mais baixas do país: 1,7 milhão de litros por ano por habitante. Em Roraima, a maior oferta brasileira, são 1,7 bilhão de litros; em Goiás, estado vizinho do DF, 39,2 milhões de litros. Para mostrar como está a questão hídrica no Distrito Federal e Entorno, o **Correio** publica a partir de hoje uma série de reportagens.

Embora os moradores do Planalto Central não convivam com cenas como o solo quebradiço e seco em regiões de rios, a exemplo do Sistema Cantareira, em São Paulo, e a do sertão nordestino, a preocupação com o abastecimento e a preservação de mananciais devem estar cada dia mais presentes nas discussões da sociedade e do poder público. Se a média de consumo continuar crescendo em ritmo acelerado, o regime de chuvas continuar em queda e nenhuma gestão do recurso hídrico for realizada, a previsão é que em 2040 não haja mais água para a população local. Esse seria um dos piores cenários desenhados pela Agência Reguladora de Águas do DF (Adasa).

Das regiões administrativas, Brasília e Cruzeiro lideram o consumo diário por habitante, com 390 litros — 200 a mais que a média local. Lago Sul e Jardim Botânico aparecem em seguida, com 384 litros diários por pessoa, e Lago Norte, com 280. Entre os locais de menor consumo, estão regiões como Paranoá e Itapoá, onde um morador gasta, em média, 96 litros de água. A alta renda per capita do DF, aliada ao longo período de seca pelo qual passa a população, seria um dos motivos para o grande consumo de água, segundo o presidente da Companhia de Saneamento Ambiental do DF (Caesb), Maurício Ludovice.

Localizado em uma região considerada sensível do ponto de vista hidrográfico, o Distrito Federal é um berço de nascentes. No território do DF, nascem importantes afluentes que alimentam três das principais bacias brasileiras que banham o país de norte a sul — as do São Francisco, do Paraná e do Tocantins/Araguaia. "O Distrito Federal está situado em um divisor de águas. Por causa dessa característica hidrológica,

Radiografia das bacias do Distrito Federal

1 BACIA DO RIO DESCOBERTO
Maior reservatório de abastecimento público do DF, aproximadamente 66% da população. Faz o abastecimento de Taguatinga, Ceilândia, Samambaia, Recanto das Emas, Riacho Fundo I e II, Núcleo Bandeirante, Candangolândia. Fornece água para irrigação dos núcleos rurais de Brazlândia.

Índice de Qualidade da Água: bom. A qualidade piora após o reservatório.

Pontos críticos: esgotos sem tratamento vindos dos municípios de Águas Lindas de Goiás e de Santo Antônio do Descoberto. Adensamento populacional em torno do Lago Descoberto.

2 BACIA DO RIO SÃO BARTOLOMEU
É uma bacia bastante heterogênea, com predominância de áreas destinadas à agricultura e forte presença de núcleos urbanos, como Sobradinho e Planaltina. Os usos da água com maior destaque são o abastecimento urbano (60%), seguido pela irrigação (35%). Na Sub-bacia do Pípiripau, verifica-se o maior conflito entre usuários irrigantes e abastecimento urbano.

Índice de Qualidade da Água: bom na maior parte do ano. No primeiro trimestre de 2014, foi de médio a ruim. Na Bacia do Pípiripau, a qualidade manteve-se boa todo o ano.

Pontos críticos: ocupação desordenada do solo, transformação de áreas rurais em loteamentos urbanos, perda da vegetação natural em áreas de preservação permanente, impermeabilização de áreas de recarga de aquíferos. A exploração intensiva das águas subterrâneas e lançamento de esgotos sem tratamento em cursos d'água.

3 BACIA DO LAGO PARANOÁ
Está situada na porção central e apresenta a maior densidade demográfica local, onde se localiza o Plano Piloto, Lagos Sul e Norte, Varjão e loteamentos irregulares que ocupam a parte nordeste do Lago Paranoá.

Índice de Qualidade da Água: predominantemente bom, ficando média, em alguns trechos, apenas no terceiro trimestre de 2014.

Pontos críticos: presença de duas estações de tratamento de esgotos, ligações clandestinas caindo dentro das redes de drenagem e dejetos dos loteamentos irregulares contribuindo para a poluição do Lago.

4 BACIA DO RIO SÃO MARCOS
Seus principais afluentes são ocupados pela agricultura mecanizada, com uso de defensivos agrícolas e pivôs centrais. Há controle intensivo com preventivas quanto à contaminação dos rios e à preservação de matas ciliares, o que contribui para a manutenção da quantidade e a qualidade das águas na bacia.

Índice de Qualidade da Água: bom.

Pontos críticos: há apenas uma estação de monitoramento. Não são analisados possíveis poluentes vindos de defensivos agrícolas, mas há parâmetros indicadores de contaminação.

5 BACIA DO RIO PRETO
Abastecer uma região pouco adensada, na região agrícola de Planaltina. Predomina a atividade agropecuária com o uso da água para sistemas de irrigação de grande porte.

Índice de Qualidade da Água: predominantemente bom.

Pontos críticos: os sistemas de irrigação de grande porte provocam a redução de disponibilidade hídrica em período de seca.

Distrito Federal é essencial para não prejudicar o abastecimento local nem o nacional.

Segundo dados da Agência Nacional de Águas (ANA), 16% dos recursos hídricos nacionais vêm do Centro-Oeste brasileiro — a região é a segunda maior produtora de águas, perdendo apenas para o Norte, que produz 68%. No território do Distrito Federal, estão localizadas sete bacias (veja infográfico), divididas em outras 40 sub-bacias, segundo dados da Adasa. Ao custo de R\$ 3 milhões por ano, a agência mantém 35 estações de monitoramento de rios e pretende chegar a 42 até o fim de 2015, o maior número de pontos por metro cúbico do país. O objetivo é medir não só a quantidade de água, mas também a qualidade. Outras 44 estações pluviométricas medem a quantidade de chuva. "Em termos de disponibilidade e demanda, o DF tem

água. Mas, de três anos para cá, a chuva vem diminuindo, ou seja, são mudanças que não estavam nos padrões. Enquanto isso, o consumo aumenta. Por isso, estamos acompanhando", afirma Diógenes Mortari, diretor da Adasa.

Impactos nas bacias

Embora os monitoramentos trimestrais da Adasa apontem que o Índice de Qualidade da Água (IQA) das bacias do DF esteja, na maioria do ano, de médio para bom, a situação das bacias preocupa os especialistas. O aumento acelerado da população do DF, a ocupação irregular dos condomínios, o lixo, a destruição da mata nativa e o desperdício fazem com que as bacias sofram o impacto negativo na quantidade e na qualidade da água. A Bacia do Rio São Bartolomeu, localizada em Planaltina, apresentou, no

primeiro trimestre, índices ruins de IQA, mas o recuperou no decorrer do ano.

Para o especialista em recursos hídricos e política ambiental e professor da Universidade de Brasília Sérgio Koike, as bacias que estão em áreas de preservação, como a de Santa Maria/Torto, estão bem preservadas. Porém, quando os sistemas estão mais próximos de áreas urbanas, eles são mais pressionados pela poluição e pelo adensamento. "A situação está ficando crítica. No Descoberto, por exemplo, as terras próximas à bacia vêm passando por um acelerado processo de ocupação e, se não tomarmos cuidado, a região vai virar um novo Vicente Pires. Isso pode trazer sérios problemas de depredação para o reservatório", analisa.

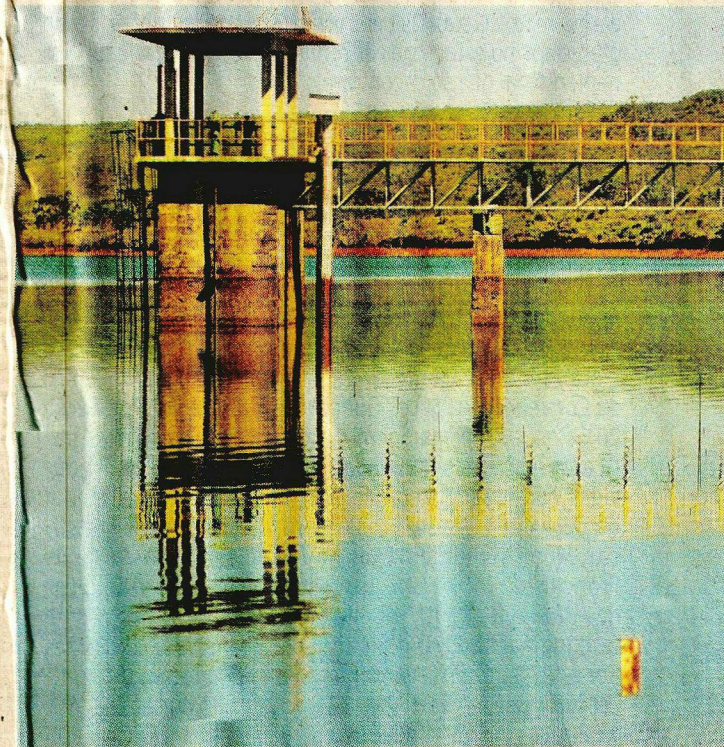
A Bacia do Descoberto é o maior reservatório de abastecimento público do DF, responsável pela

água que chega às casas de 66% da população, abastecendo cidades como Taguatinga e Ceilândia. O agricultor José Dantas dos Santos, 45 anos, mora e trabalha em uma das chácaras próximas ao reservatório do Descoberto há 12 anos. Diariamente, acorda às 7h para se dirigir aos cultivos, de onde é possível ver as águas do Sistema do Descoberto. No local onde costumava ver água, hoje ele caminha. A areia e os troncos que estavam no fundo do rio hoje estão à mostra. De perto, José observou como o nível do reservatório diminuiu ao longo dos últimos meses. "Nesta mesma época, no ano passado, a água estava vários metros acima, chegando à área de capim. Agora, só tem terra", comenta. Como a plantação na qual o agricultor trabalha é irrigada com água tirada de poços artesianos, a safra não foi prejudicada.

7 BACIA DO CORUMBÁ
Representa 9,56% da área do Distrito Federal e seu entorno imediato. Abriga alguns núcleos urbanos específicos como Gama, Nova Gama e Recanto das Emas. O abastecimento urbano representa 63% da retirada total, seguido pela irrigação com 19%. Nessa bacia, está localizado o reservatório da usina Hidrelétrica de Corumbá IV.

Índice de qualidade da água: bom.

Pontos críticos: há pouca cobertura vegetal, o que facilita o processo de erosão e transporte de resíduos sólidos. Soma-se a isso o lançamento de esgoto sem tratamento das cidades de Taguatinga, Ceilândia e Samambaia em seus afluentes, apesar da existência das Estações de Tratamento de Esgoto (ETE) do Gama e de Melchior terem reduzido a poluição nesta bacia.



O sistema Santa Maria/Torto está 1,7 metro abaixo do nível esperado